






# A obra de C. G. Jung: seminários sobre sonhos – 1928-1930

Liliana Liviano Wahba\*   
Andre Luis Vasconcellos de Mello\*\*   
Ezequiel Nogueira Braga\*\*\*   
Marcia Zaia\*\*\*\*   
Maria Teresa Nappi Moreno\*\*\*\*\* 

## Resumo

Este artigo examina a teoria dos sonhos de Jung, com ênfase no livro *Seminários sobre análise de sonhos: Notas do seminário dado em 1928-1930 por C.G. Jung*. Diferentemente da abordagem freudiana, que interpreta o sonho como realização de desejos reprimidos, Jung propõe uma compreensão simbólica e teleológica, considerando o sonho uma produção autônoma do inconsciente que revela conteúdos tanto do inconsciente pessoal quanto coletivo. A partir da discussão dos sonhos de um paciente, Jung explicita seu método interpretativo, baseado na escuta simbólica e nas funções compensatória e prospectiva dos sonhos. O artigo ainda destaca o valor formativo e ético dos seminários, nos quais Jung aparece não apenas como um teórico, mas como analista e

### Autor correspondente:

Andre Luis Vasconcellos de Mello  
andrelvmello@hotmail.com

Recebido: 15/08/2025

Aprovado: 03/02/2026

Revisado: 30/03/2026

Como citar: Wahba LL, Mello ALV, Braga EN, Zaia M, Moreno MTN. (2026). A obra de C. G. Jung: seminários sobre sonhos – 1928-1930. JINGUIANA, 2026;44:e06.  
https://doi.org/10.70435/junguiana.v44.301



- \* Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Membro analista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica. Professora, Dra. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Pós-doutorado na FMUSP. E-mail: lwahba@pucsp.br
- \*\* Carl Gustav Jung Institut, Zurique, Suíça. Psicólogo e psicoterapeuta junguiano em Salvador/BA, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Training Candidate em Jungian Psychoanalysis pelo C.G. Jung-Institut Zürich. E-mail: andrelvmello@hotmail.com
- \*\*\* Instituto Junguiano de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil. Psicólogo (UnB), especialista em Clínica e Gestalt-terapeuta (IGTB). Mestre em Psicologia Clínica com ênfase junguiana pela PUC-SP. Candidato a analista junguiano pelo IJBsB e psicoterapeuta clínico. Realiza grupos, oficinas e palestras sobre juventude e subjetividade. E-mail: ezenbraga@gmail.com
- \*\*\*\* Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, São Paulo, Brasil. Psicóloga pelo IPUSP, mestre em Ciências da Religião PUC-SP. Vice coordenadora do Acolhimento Psicossocial Intercultural UNIFESP-SP. Atua como psicoterapeuta junguiana em São Paulo. E-mail: marciazaia1@gmail.com
- \*\*\*\*\* Instituto Junguiano da Bahia, Salvador, Bahia, Brasil. Dra. em Psicologia Clínica, Núcleo de Psicossomática e Psicologia Hospitalar pela PUC-SP. Metre em Psicologia Clínica pela PUC-SP. Supervisora e professora Especialização Em Psicologia Junguiana e Psicossomática na Faculdade Ciências da Saúde, SP e no Instituto Junguiano da Bahia, Salvador. Autora de livros. E-mail: mteresanappi@yahoo.com.br

facilitador do diálogo com o inconsciente. A natureza viva e dialógica dessas transcrições permite ao leitor não apenas acessar os conceitos fundamentais da Psicologia Analítica, mas também experienciar a atitude analítica implicada no trabalho com os sonhos. Ao revisar essa obra reafirma-se a importância da escuta simbólica na clínica e o papel dos sonhos como expressão reguladora e criativa da psique. ■

**Palavras-chave:** sonhos; Psicologia Analítica; C. G. Jung; simbolismo; processo de individuação.

## *The work of C. G. Jung: dreams seminars – 1928-1930*

### **Abstract**

This paper examines Jung's dream theory, focusing on the book *Dream Analysis: Notes of the Seminar Given in 1928-1930* by C. G. Jung. Unlike the Freudian approach, which interprets dreams as wish fulfillments of repressed desires, Jung proposes a symbolic and teleological understanding, viewing dreams as autonomous productions of the unconscious that reveal contents from both the personal and collective unconscious. Through the discussion of a patient's dreams, Jung elucidates his interpretive method, based on symbolic listening and on the compensatory and prospective functions of dreams. This article also highlights the formative and ethical value of the seminars, in which Jung appears not only as a theorist but also as an analyst and facilitator of the dialogue with the unconscious. The vivid and dialogical nature of these transcriptions allows the reader not only to access core concepts of Analytical Psychology, but also to experience the analytical attitude involved in working with dreams. Revisiting this work reaffirms the clinical relevance of symbolic listening and the role of dreams as a regulative and creative feature of the psyche. ■

**Keywords:** dreams; Analytical Psychology; C.G. Jung; symbolism; individuation process.

## *La obra de C. G. Jung: seminarios sobre sueños – 1928-1930*

### **Resumen**

Este escrito profundiza en la visión junguiana sobre el mundo onírico, destacando el libro *Análisis de sueños. Notas del seminario impartido en 1928-1930* por C. G. Jung. Contrario a la mirada freudiana, que ve el sueño como realización de deseos reprimidos, Jung plantea una lectura simbólica y teleológica, entendiendo el sueño como algo que nace del inconsciente, mostrando aspectos personales y colectivos. A través de la discusión de los sueños de un paciente, Jung detalla su método interpretativo, basado en la escucha simbólica y en las funciones compensatoria y prospectiva de los sueños. El texto subraya además el valor formativo y ético de los seminarios, en los cuales Jung no aparece solamente como teórico, sino como analista y facilitador del diálogo con el inconsciente. La naturaleza viva y dialógica de esas transcripciones permite al lector entender las ideas clave de la Psicología Analítica y vivir la actitud analítica al trabajar con sueños. Revisitar este trabajo refuerza lo importante que es escuchar los símbolos y ver el sueño como una forma en que la mente se regula y crea. ■

**Palabras clave:** sueños; Psicología Analítica; C. G. Jung; simbolismo; proceso de individuação.

O reconhecimento do valor intrínseco do símbolo leva à verdade construtiva e nos ajuda a viver: inspira esperança e promove a possibilidade de desenvolvimento futuro (Jung, 1916/1979, § 680).

## Introdução

O estudo de Freud (1976) sobre sonhos é pioneiro na psicanálise e chamou a atenção de Jung com a obra *A interpretação dos sonhos*, de 1901. Como o próprio Jung (2002) escreveu, ali se avançava na exploração do inconsciente e na concepção de que sonhos não são produtos do acaso.

Jung sempre compartilhou com Freud o interesse pelo inconsciente, reconhecendo nos sonhos uma via privilegiada para acessar conteúdos psíquicos mais profundos. Ainda hoje, a análise dos sonhos ocupa um lugar central na obra de Jung e constitui um dos pilares da Psicologia Analítica. À medida que a teoria de Jung amadurecia, uma divergência surgiu entre ambos. Uma divergência em relação à natureza, função e, principalmente, a respeito da interpretação dos sonhos.

Ao passo que Freud via os sonhos como a realização de desejos reprimidos e mecanismos de proteção, Jung propôs uma abordagem mais ampla e simbólica, considerando os sonhos como produções autônomas do inconsciente, dotadas de finalidade e potencial transformador. A análise dos sonhos tornou-se, assim, um instrumento fundamental para a compreensão da dinâmica psíquica e potencializadora do processo de individuação, conceito central da Psicologia Analítica.

Este artigo revisita a teoria dos sonhos de Jung (1960/2014) tal como ele a apresentou nos seminários de sonhos, obra singular que revela o pensamento em movimento do autor em sua prática clínica. Busca-se, ainda, discutir a relevância que o autor dava aos sonhos na clínica, enfatizando a escuta simbólica e ética na abertura ao inconsciente.

## A teoria dos sonhos na obra de Jung

Os sonhos são fatos objetivos. Eles não respondem a nossas expectativas, e não os inventamos (Jung, 1960/2014, p. 29).

As diferenças entre as abordagens a respeito de sonhos entre Freud e Jung se acentuaram à medida que suas concepções sobre a natureza da psique e libido se distanciavam. Freud concebia os sonhos como realizações disfarçadas de desejos reprimidos, cuja função principal seria preservar o sonho e proteger o indivíduo de afetos perturbadores. Por esse viés, interpretar um sonho consistiria em decifrar os símbolos oníricos e revelar os desejos inconscientes subjacentes.

Jung (1928/2013) enfatiza que a atividade onírica é uma produção psíquica com realidade e significados próprios, em cuja dinâmica se encontram conteúdos do inconsciente pessoal e da psique coletiva. Os sonhos seguem suas próprias configurações e leis que têm uma relativa independência da consciência. O sonho é uma autorrepresentação, em forma espontânea e simbólica, da situação atual do inconsciente. Dito de outro modo, o sonho seria como um instantâneo da psique em dado momento.

O inconsciente, assim, deixa de ser apenas um depósito de material reprimido e passa a ser considerado uma instância psíquica ativa, com sua própria dinâmica autorregulatória. Isso abre possibilidade de caminhos para novas atitudes, escolhas e compreensões, uma porosidade do ego que permite transformações.

O desenvolvimento futuro do indivíduo somente é trazido por meio dos símbolos que representam algo que está à frente dele e cujo significado intelectual não pode ser inteiramente apreendido (Jung, 1916/1979, §. 680).

A teoria freudiana, seguindo o racionalismo do século XIX, trabalhava com o princípio da causalidade. Esse tipo de compreensão busca entender os sonhos a partir de suas causas no passado do indivíduo, de seus desejos inconscientes e experiências reprimidas. Caberia ao psicanalista desvendar tais causas e desejos inconscientes.

Jung acrescentou uma segunda dimensão a essa análise, a finalidade. Para ele, além das causas, é preciso considerar o propósito e a direção dos sonhos, seu papel no desenvolvimento futuro do indivíduo. A partir dessa nova perspectiva, a abordagem

junguiana acrescenta o para quê ao porquê. É um entendimento de que o sonho tem uma teleologia inerente ao processo de individuação, promovendo o equilíbrio e a integração da psique.

Jung (1928/2013) entendia haver uma relação de compensação entre os conteúdos conscientes (predominantes no complexo do ego) e os complexos autônomos do inconsciente. Quanto mais unilateral fosse a atitude da consciência, afastando-se das possibilidades vitais, maior seria a tendência de surgirem sonhos intensos e contrastantes, funcionando como uma forma de autorregulação psíquica. Ilustra-se isso por meio do dito que o noivo nunca sonha com a noiva. Em outras palavras, enquanto tudo vai bem na consciência, o inconsciente não tem a necessidade de lançar qualquer alerta. Quando ocorre desbalanceamento surgem sonhos sobre aquilo que falta ou é negado. Sonhos, assim, não apenas espelham o inconsciente, mas atuam como força reguladora, sinalizando desequilíbrios em prol de uma integração psíquica e do processo de individuação.

Apesar de propor esse conceito de compensação como uma chave interpretativa importante, Jung (1928/2013) não a via como explicação absoluta para o fenômeno dos sonhos. Ele reconhecia a complexidade da vida onírica e ressaltava que os sonhos também podiam revelar potencialidades a desenvolver, constituintes de uma função prospectiva. Por meio de imagens simbólicas, o inconsciente poderia antecipar possibilidades de direcionamento no desenvolvimento psíquico, preparando emocionalmente o indivíduo para experiências que ainda não emergiram na consciência. Haveria também um nível objetivo para interpretações e um nível subjetivo: o primeiro com conteúdos mais gerais e universais ou vinculados à fatualidade e, o segundo, de tom mais íntimo, refletindo a interioridade do sonhador.

O entendimento de sonhos se dá, prioritariamente, a partir da linguagem simbólica, pela qual se tem acesso a imagens pessoais e arquetípicas, o que exige uma interpretação contextualizada e afinada à singularidade do sonhador. O símbolo é o elemento central dessa gramática onírica, mediante a qual se manifestam conteúdos profundos das dimensões mais remotas da psique, conectando o indivíduo a

conteúdos coletivos e universais. Em 1961 Jung definiu a linguagem dos sonhos como aquela que age como uma ponte entre o modo com que expressamos conscientemente nossos pensamentos e um modo mais primordial, uma forma de expressão mais colorida e pictórica, “uma linguagem que apela diretamente ao sentimento e à emoção” (Jung, 1961/1980, § 469). O sonho remeteria ao estrato profundo da psique via imagens, fazendo a conexão entre o mundo racional consciente e a base fisiológica da psique, pois, continua Jung (1961/1980, § 469), “assim como os instintos são urgências fisiológicas e são percebidos pelos sentidos, manifestam-se ao mesmo tempo como fantasias, via imagens”.

A compreensão simbólica requer do sonhador o debruçar-se com plena atenção e desprovido de julgamentos, a fim de apreender a situação psíquica de modo abrangente e valorativo. O analista, por sua vez, mais do que meramente interpretar, busca analogias, conexões significativas, auxilia a identificar aquelas situações arquetípicas mencionadas por Jung nos seminários sobre sonhos, que apontam para a estrutura básica de nossa natureza instintiva.

Nesse sentido, a relevância clínica fica evidente. O sonho revela-se como fato objetivo do substrato da psique coletiva, assim como carrega uma função histórica e responde à realidade factual do paciente. Os sonhos trazidos ao longo dos seminários ilustram como esses conceitos teóricos se apresentam na prática clínica.

## Os Seminários sobre Sonhos: contexto e estrutura

Ler Jung pela primeira vez pode ser um trabalho árduo. Há quem aponte que sua escrita era pomposa e de difícil compreensão (Stevens, 2001), além de conter uma enorme quantidade de material detalhado abrangendo diversos campos. Isso exige do leitor um esforço significativo para acompanhá-lo (Von Franz, 2008). Talvez essa seja a raiz de algumas das críticas endereçadas à sua obra, de ser incoerente e contraditória (Stein, 2006).

*Seminários sobre análise de sonhos – 1928 - 1930*, é uma obra singular no cânone junguiano. Ao

contrário dos livros das Obras Completas, em que Jung buscava explicitar sua teoria e defender conceitos, esses textos surgiram de uma tradição de seminários privados, nos quais Jung visava expor a pessoas mais próximas suas ideias psicológicas e como elas se aplicavam em casos clínicos.

Desde 1928, Jung oferecia seminários privados no Clube de Psicológico de Zurique, nos quais apresentava e discutia os conceitos fundamentais da Psicologia Analítica com um grupo selecionado de ouvintes. Nessas ocasiões ele se mostrava em sua forma mais espontânea e criativa, encenando uma psicologia viva, menos voltada à sistematização e mais aberta ao diálogo e à escuta.

Entre novembro de 1928 e junho de 1930, ele conduziu uma série de encontros semanais dedicados à interpretação de sonhos. Esses seminários foram registrados por meio de anotações taquigrafadas feitas por Mary Foote e outros participantes. Não se trata de textos redigidos ou revisados por Jung, mas de transcrições que preservam o caráter oral e interativo das sessões. A linguagem é fluida, quase coloquial, revelando uma estrutura mais acessível e dinâmica que suas obras formais, mesmo quando comparadas às conhecidas *Tavistock Lectures* (Jung, 1968/2008), que também são baseadas em transcrições de palestras. Ao contrário dos textos convencionais de Jung, muitas vezes densos e complexos, estes registros revelam uma estrutura dinâmica e acessível.

Os seminários, ao oferecerem transcrições de encontros bastante informais, permitem ao leitor uma espécie de encontro privado com um Jung bastante diferente daquele com o qual as Obras Completas nos fizeram ter contato. A forma livre e fluida do diálogo cria uma experiência literária, permitindo acompanhar a evolução viva do pensamento junguiano diretamente do ambiente clínico e intelectual de onde ele surgia.

Durante as palestras, Jung analisou os sonhos de um paciente, empregando-os como ferramentas para explorar sua dinâmica psíquica e ilustrar conceitos fundamentais da psicologia analítica, como a função compensatória dos sonhos, seus níveis de interpretação, símbolos arquetípicos e processo de individuação.

## Os sonhos na clínica

Nos seminários, Jung analisou 30 sonhos de um paciente suíço de 45 anos, empresário bem-sucedido, casado, com quatro filhos. Sem se considerar neurótico, procurou a terapia insatisfeito com seu casamento e vida sexual. Ao se aposentar com essa idade, entregou os negócios a seu cunhado, continuando a ser o chefe nominal do escritório. Lidava com profunda irritabilidade, ansiedade ou mágoa, particularmente em situações que envolviam a percepção de reprovação e críticas. Foi considerado por Jung de tipo psicológico pensamento intuição introvertido.

Sua vida conjugal era marcada por problemas significativos e uma ausência de vínculo afetivo. A sexualidade, fria e desinteressante, fazia-o sentir-se alheio, distante da esposa e incapaz de conversar com ela sobre o que verdadeiramente lhe interessava. O sentimento de desconexão se estendia também aos amigos.

Para compensar a insatisfação no ambiente doméstico e a ausência de vínculos afetivos, o paciente buscava relações sexuais ocasionais com prostitutas. Essas escapadas eram, para ele, erros ocasionais que prometia a si mesmo que não aconteceriam novamente, sem lhes dar grande importância. Tal comportamento contrastava com seu moralismo exacerbado e julgamentos preconcebidos. Se esforçava para ser extremamente correto em todos os aspectos da vida, evitando excessos como fumo ou bebida e adotando pontos de vista que considerava razoáveis.

O caso era considerado peculiar e notável pela presença de sonhos recorrentes e detalhados. Os sonhos eram considerados por Jung como complexos e intrincados, denotando a inteligência e educação do paciente. Forneciam fatos objetivos e subjetivos, essenciais para guiar o processo analítico. Esses sonhos foram usados por Jung como guia para as discussões no grupo.

## Análise de sonhos nos seminários

Os sonhos analisados ao longo dos seminários aprofundam conceitos centrais da Psicologia Analítica. Cada sonho tem um título e é discutido

em diversas conferências. Apresentam-se a seguir alguns deles como ilustração. O primeiro sonho analisado, “A filha doente da irmã; anfiteatro com cadeiras de costas para a mesa”, consiste em duas partes principais: a filha da irmã doente e um anfiteatro com assentos de costas para uma mesa. O paciente se encontra com seu cunhado no anfiteatro. Há a sensação de que ele já jantou, mas jantará novamente.

O sonho revela o núcleo do conflito psíquico do paciente e um indício crucial para sua resolução. Apresenta a irmã e o cunhado, distantes do convívio, como representações simbólicas de aspectos feminino e masculino inconscientes (anima e sombra). O cunhado, descrito como musical e pouco apto nos negócios, simboliza seu lado emocional, onírico e ineficiente, em contraste com sua persona racional de empresário. Símbolos de digestão remetem à análise e, o teatro, à representação psíquica e como o paciente se mostra ao mundo. Quanto à criança doente, estaria psiquicamente vinculada ao afeto pela irmã que perdeu o primeiro filho e à anima em estado infantil e desconectado.

Jung exemplifica com um sonho de outro paciente, um tenente suíço, como os conteúdos oníricos podem revelar conflitos emocionais reprimidos que estão na origem de sintomas físicos. Este paciente melhorou as dores de calcanhar após reconhecer o impacto psíquico de uma desilusão amorosa. Jung enfatiza que a interpretação deve ser feita passo a passo, atentando a cada elemento, e que sua validade se confirma pelos efeitos terapêuticos.

O segundo sonho, “Costureira tuberculosa” mostra o paciente visitando, a pedido da esposa, uma jovem doente que trabalha em ambiente insalubre. Ao saber que ela não tem máquina de costura, ele oferece a da esposa. Jung interpreta a máquina como símbolo da visão mecanicista que o paciente tem da análise e da sexualidade, ambas reduzidas a operações funcionais, sem dimensão afetiva. A costureira, enclausurada e doente, expõe os afetos reprimidos e patologizados, ao passo que o desejo de a salvar expressa o anseio por cura psíquica.

Diante da dificuldade do paciente em reconhecer e vivenciar o Eros, a costureira simboliza

sentimentos não convencionais reprimidos e, sua tuberculose, o enfraquecimento desses afetos. O ato de costurar mediado pela máquina, representa, entretanto, não somente o modo como ele entendia no momento o processo terapêutico e a sexualidade mecânica, mas simboliza o costurar e unir como expressão do próprio método analítico, uma via de integração da psique fragmentada.

No sonho 3, o “Rolo compressor fazendo um padrão”, o paciente vê um padrão sendo traçado no solo, o que Jung associou a uma mandala, símbolo de totalidade e centro psíquico. O padrão rítmico simbolizava o ritmo natural da vida e a função de restaurar a ordem perante o estado de confusão do paciente sobre o processo analítico. O objetivo da análise, assim como da meditação sobre mandalas, visa deslocar o direcionamento do ego para este centro mais abrangente. Este sonho também colocaria a problemática do destino para o paciente.

No “Sonho da fuga das galinhas” (sonho 4), quatro galinhas fogem e uma é encontrada cozida e comestível. As aves representam as quatro funções inconscientes e comê-las simboliza a assimilação de conteúdos psíquicos por meio de um ritual arcaico de comer o animal-totem ou o deus. Este sonho é citado para ilustrar a natureza irracional dos fatos oníricos, que devem ser aceitos como se apresentam.

No sonho 5, “Dor no nervo ciático; Colina rochosa ameaçada por ondas do oceano”, o paciente busca a cura para uma dor ciática. Ele opta por um banho no mar, interpretando o oceano como meio primordial de vida, a mãe eterna, o útero da natureza, cujas ondas poderosas representam o inconsciente, enviando impulsos para a consciência como a sístole e diástole da vida.

O sonho também revela um medo significativo. Ao tentar escalar a colina de cascalho de pedras soltas com seu filho mais novo, que simboliza uma nova tentativa progressiva, ele teme que a colina - interpretada por Jung como sua posição estabelecida, carente de coesão e individualidade - possa ser arrastada pelas ondas. Esse temor o leva a recuar, um movimento que Jung considera necessário. O recuo reflete o fato de que ele ainda não está suficientemente cimentado ou integrado para enfrentar

o tremendo poder da natureza do inconsciente, simbolizado pelas ondas vigorosas do mar.

Uma figura do santo/guru que aparece no sonho foi interpretada como representativa de uma necessidade de cura mediante um guia espiritual ou curador em um processo iniciático. As ondas do mar aproximando-se da baía (consciente) ilustram a imensidão do inconsciente e simbolizam conteúdos inconscientes que se aproximam da consciência, frequentemente acompanhados de emoções e possivelmente relacionados à transferência ou à sexualidade.

No sonho 8, “Passeio perto da Riviera”, o sonhador caminha por duas estradas (superior e inferior) com regras de tráfego distintas para estadias curtas e longas. Menciona-se um empenho de seis anos para a estrada longa. O cenário simboliza o momento analítico vivido, em que os caminhos representam opções psíquicas nas quais a escolha da estrada longa - irracional - aponta para a necessidade de romper com a unilateralidade da consciência. A exigência temporal e os regulamentos sugerem a dificuldade e a extensão do processo, frustrando expectativas de uma cura rápida. Os impulsos contraditórios e os deslocamentos entre as vias expressam a natureza labiríntica do inconsciente, evocando os trabalhos hercúleos exigidos da psique. O carro, enquanto veículo direcionado, indica que o movimento rumo ao objetivo de integração, figurada em uma Ilha dos Abençoados, é cheio de reviravoltas.

Uma participante dos seminários organizou os sonhos para sua apresentação. O primeiro sonho antecipava a problemática do paciente sufocado por convenções coletivas, cujo relacionamento com a esposa é perturbado. Este sonho revela identificação com a persona e a vida interior empobrecida; a figura de anima é infantil, uma menina de dois anos. Após três meses e meio de análise, surgem imagens vívidas de vivências em culturas antigas que o moldaram intelectualmente, mas também geraram tensões internas, como o conflito entre influências islâmicas e cristãs. Os sonhos oscilam entre movimentos de progressão e regressão dos dinamismos psíquicos. Surge, no terceiro sonho, um caminho, uma nova visão e direção de vida. Em três sonhos

seguintes há regressão, obstáculos inconscientes e tendência a retornar ao seu modo mecanicista de pensar e agir. Sem ver solução, o paciente se identifica também com o pai, com pobreza de sentimentos. Outra imagem é do *puer aeternus*, como estímulo de algo novo e essencial, mas sem haver ainda possibilidade de assimilação desse conteúdo que permanece como potencial inconsciente.

Após o décimo sétimo sonho, há intensificação dos conteúdos inconscientes, mas sem mudança no vínculo conjugal. Jung entende esse impasse como reflexo de núcleos encapsulados e da oposição entre Eros e Logos. Segue uma série de sonhos que apontam para uma evolução no processo analítico, sinalizando para o paciente a necessidade de assumir a responsabilidade por sua própria vida, em vez de delegá-la ao médico. Novos símbolos revelam a emergência do sentimento e de uma visão mais ampla da existência. A figura da anima surge em diferentes formas ao longo da sequência toda: a criança doente de dois anos; a costureira tuberculosa na miséria; uma menina pequena que colhe frutos verdes; uma figura andrógina, um hermafrodita, que canta de forma incorreta, fundido com traços da sombra do paciente. Após uma regressão à temática sexual, em um sonho posterior sua esposa dá à luz a trigêmeos (sonho 26), podendo significar fertilidade psíquica e a possibilidade de integração do casamento interior.

Jung encerra os seminários com a discussão do sonho 30, sem oferecer uma conclusão para o caso. No sonho 29, “Agentes estão comprando demasiado algodão de alta qualidade”, o paciente se vê no exterior, envolvido com seus negócios. O cunhado - diretor da empresa -, reclama que agentes estão comprando algodão de alta qualidade por valores elevados ao passo que suas próprias vendas estão estagnadas. O sonhador, temendo prejuízos, sugere reduzir o poder de compra dos agentes. A esposa, no sonho, não compra a mercadoria. A interpretação no nível objetivo, factual, refere à má condução de negócios do cunhado, mas o próprio paciente acha que há aspectos subjetivos que remetem à aquisição de conteúdos simbólicos na análise que, apesar de valiosos, permaneceriam sem

aplicação prática. Metaforicamente, o algodão de alta qualidade permanece como um investimento psíquico improdutivo.

A resistência se contrapõe à esposa, como imagem de anima. No sonho, a mercadoria estaria vinculada ao enfraquecimento do princípio Yin na dinâmica psíquica do sonhador, contraposto a seu pensamento regido por Logos. A respeito da função superior pensamento, Jung a considera importante para oferecer um lastro egóico ao paciente, um lugar de onde o analista pode conversar.

O algodão de qualidade, guardado e sem destino, apareceu de modos distintos em sonhos anteriores. Seja ele vendido, mas não enviado (sonho 6); negociado e manipulado por meio de interesses obscuros, em local à beira de ondas do mar, com ambiguidade entre denunciar esses tratos ou preservar alianças (sonho 11); ou como variedade nova e promissora, entretanto, atingido por uma praga que mancha suas fibras (sonho 4). Em todas essas variantes, algo de valor não encontra caminho seguro para ser utilizado. Ou seja, há algo precioso, e ao mesmo tempo vulnerável, que necessita circular para cumprir sua função. As cenas dos sonhos mostram obstáculos distintos - atraso, corrupção, deterioração, estagnação - que impedem o fluxo desse bem. Assim, a imagem do algodão atravessa a narrativa como fio que não se tece, acumulando-se como promessa não realizada. O que se colhe no campo psíquico, se não encontra quem o trabalhe, corre o risco de se degradar no silêncio dos armazéns ou de ser mal transacionado. É nesse intervalo entre a colheita simbólica e a confecção pela consciência que se joga o destino desses conteúdos, se serão tecidos em novas formas de vida e atitudes ou se permanecerão como fardos intocados; apesar de preciosos, inúteis.

No sonho 30, “Bisavó atacada por homem macaco”, Jung considerou que, pela primeira vez, o paciente teve uma atitude menos racional e se envolveu com sua atividade onírica. O sonhador presencia uma cena inicial de uma perua de mudanças, conduzida por um esguio motorista acrobata. A van, que simboliza algo em transição, se transforma em uma casa, na qual o sonhador está junto ao

motorista que virou um homem-macaco nu e rude que continua com suas acrobacias. A atmosfera, semelhante a uma sessão espírita, envolve um menino que entra em transe e alguém diz que deve invocar uma pessoa, outro fala que será a bisavó que deve ser estuprada. Ela aparece com cabelos grisalhos e rosto jovem. O homem-macaco tenta violentá-la, mas ela foge pela janela em busca de ajuda. Uma multidão a acompanha até a polícia. Um fotógrafo registra tudo e acha que é importante salvar as imagens do ocorrido. O ego onírico do sonhador observa um rio e a artilharia apontada para a casa. Nas associações, chama a atenção a necessidade de tanto armamento para combater um indivíduo. A este respeito é notório observar como Jung realiza o entrelaçamento entre a psique individual e coletiva: ele vê nas forças convocadas da artilharia a defesa contra um perigo coletivo, quando os impulsos instintivos se liberam descontroladamente da vida social.

A sombra ativa do sonhador estaria problematizando um dilema moral: o confronto da sombra embrutecida perante a qual o paciente se vê reduzido à impotência de uma criança. Evocou-se a seguir imagem arquetípica de uma poderosa ancestral materna que representa a natureza e as propriedades curativas arquetípicas, o alívio para o sofrimento. Entretanto, o homem inferior, excitado sexualmente, a faz fugir e ela não cumpre sua função. Psicologicamente, a figura da anima que foge para o mundo se refere às projeções de anima. Neste sonho há uma síntese do conflito do paciente: admitir que a sombra primitiva o destruiria, já que a natureza tem poderes tanto de cura e regeneração como de destrutividade. Assinala também os opostos na imagem de um rio como energia psíquica - o aspecto impulsivo sem moral - e a revolta da moralidade coletiva. Diante do impasse, Jung pergunta se haveria alguma pista de resolução. De certo modo, estaria parcialmente apresentada no simbolismo do fotógrafo que guarda as imagens, assim como o sonhador que registrava orgulhosamente todos os sonhos e associações. Assinala a função mais diferenciada imparcial do pensamento, mas também, nas palavras de Jung, a mente que conseguiu algo bastante positivo, a capacidade de estabelecer a

continuidade da experiência e oferecer um apoio, um ponto de estabilidade.

## Discussão

Já distante da psicanálise freudiana, Jung mostra o conhecimento da linguagem dos mitos, das imagens arquetípicas, da alquimia e das tradições espirituais. Nos seminários, a postura de uma nova abordagem se evidencia em cada intervenção. Jung fala com liberdade, improvisa, corrige seus próprios argumentos, faz associações inesperadas e convoca imagens de múltiplas tradições. Ao analisar um sonho, por exemplo, ele tanto evoca a alquimia medieval como um mito indígena ou uma referência teológica cristã. Essa pluralidade simbólica expressa um fundamento: os sonhos se manifestam em linguagem arquetípica, e cabe ao analista reconhecer esse vocabulário ancestral que nos permeia. O pressuposto hipotético de inconsciente coletivo é ilustrado nos seminários. Outras interpretações seriam possíveis e factíveis. Nas ciências humanas não há certezas, o conceito de inconsciente coletivo arquetípico pode ser questionado, mas subjaz seu valor heurístico.

Importa destacar que as dimensões do gradiente se interpenetram – como Jung aponta, infravermelho e ultravioleta: instinto e arquétipo. O pessoal, o cultural e o ancestral se sobrepõem. O trabalho analítico é, portanto, processual. A sequência de manifestações da sombra, dos conteúdos anímicos classicamente denominados de anima e de animus, da persona, da mãe originária, tanto requerem interpretação de defesas e de transtornos como abertura e liberdade do imaginário. É neste campo que se insere o psicóide, a mais alta abstração da proposta junguiana, o qual não pode ser apreendido, apenas intuído, e se revela em fenômenos sincrônicos (Cambray, 2023). Jung os ilustra nos seminários, por exemplo, com um sonho com Telésforo que surge no paciente após o grupo discutir esses símbolos, ou quando um desenho de cabeça de touro é concomitante a uma carta de uma amiga relatando uma tourada que assistiu.

A sincronicidade é comumente entendida como coincidências significativas. Um exemplo de nossa

clínica se deu com um paciente que, após uma sessão na qual dizia ter seu coração quebrado e desiludido, viu na rua, na saída do consultório, uma carta de baralho do valete com um furo circular na altura do peito. Entretanto, há outro modo de compreender o psicóide em termos de um *continuum* materialidade e ideação, que vivemos constantemente. Como exemplo, uma paciente em um período de incertezas e dúvidas sobre sua capacidade profissional, após vinte anos à frente de uma empresa, permaneceu uns meses sem trabalho atormentada por antigas inseguranças. Inesperadamente, recebeu um convite para um projeto que requeria desenvolver habilidades adormecidas, reacendendo sua energia e abrindo novos rumos de carreira.

Nos seminários, o fluxo do inconsciente com seus movimentos de regressão e progressão, a contínua interação entre consciente e inconsciente, do analista e do paciente e de seus próprios inconscientes, se mostra no método de leitura de sonhos, assim como no método de ensino. Aqui vemos o Jung maiêutico que questiona com humor e firmeza.

Sua figura é a de um mestre provocador. Sem entregar respostas prontas, exige presença ativa dos ouvintes. Essa atitude revela não apenas método, mas uma ética analítica: a escuta do inconsciente requer abertura e coragem para o confronto simbólico. O estilo performativo de Jung aparece em sua maneira de habitar os seminários. Ele ri, ironiza, contesta, cita passagens bíblicas, contos populares, fórmulas químicas, poesia. Está em cena como analista de corpo e alma, voz, pensamento, afeto. Mostra como cada sonho é um espaço de trabalho vivo, no qual o símbolo é encarnado.

Mais do que um transmissor de conhecimentos, Jung se apresenta como um facilitador para a compreensão de símbolos. Incita a reconhecer que o analista está implicado na cena e que a análise transforma ambos os envolvidos. Os seminários tornam-se, assim, espaço privilegiado de formação e criação. Neles, aprende-se algo além da teoria, o modo de imersão psíquica via fantasia. Uma peculiar disposição é cultivada nos encontros, onde se aprende a sustentar o não saber, a escutar com imagens, a interpretar sem reduzir.

Podemos sentir falta de uma sequência mais definida do processo analítico, de suas etapas e assinalamentos, como agem os complexos, as defesas, em quais situações, ou seja, o tradicional caso clínico. Jung pouco se dedicou a esta tarefa, interessado talvez em outro tipo de transmissão voltada à educação psíquica. Confiava que cada analista encontraria seu próprio modo de atuação clínica, para a qual dizia ser necessário perseverança, conhecimento, e plena atenção a si e ao outro.

Em um tempo marcado por racionalismos e normatividades, os seminários de Jung se anunciam como viveiros da alma - espaços onde sementes simbólicas são lançadas, cuidadas e cultivadas. Fiéis ao sentido etimológico da palavra seminário (*seminarium*), esses encontros não visam apenas a transmissão de saber, mas o florescimento interior de uma escuta viva e criativa do inconsciente. Ali, o analista é chamado a se transmutar com as imagens, deixando que o percurso seja guiado por elas, com entrega à transformação. A escuta simbólica exige formação ampla e abertura radical. Revisitar esses encontros hoje é reencontrar o coração da Psicologia Analítica: uma prática comprometida com o sentido simbólico, com a alteridade. Uma viagem rumo ao desconhecido.

## Concluindo

Em síntese, *Seminários sobre análise de sonhos – 1928-1930* oferece um retrato vívido do método analítico de Jung, ao demonstrar que os sonhos funcionam como veículos privilegiados de expressão do inconsciente coletivo e pessoal. Por meio da técnica da amplificação simbólica, Jung não apenas decifra, por assim dizer, as imagens oníricas, mas evidencia os mecanismos de resistência mediante à dinâmica da sombra-persona, a pujança das projeções via anima/animus, a sincronicidade, o simbolismo da mandala e das imagens arquetípicas, ilustrando o processo de individuação em sua dimensão clínica e histórica.

Os seminários consolidam-se como referência metodológica e teórica para analistas e pesquisadores, oferecendo recursos conceituais e práticos para a compreensão dos sonhos como fato objetivo e compensatório. O caráter dialógico e espontâneo das transcrições confere à obra um valor singular, aproximando o leitor da experiência analítica e inspirando novas abordagens clínicas que reconheçam a riqueza simbólica e a função reguladora dos sonhos na psique. ■

---

**Contribuição dos Autores:** Liliana Liviano Wahba: Conceituação, supervisão, redação, revisão, edição e administração do projeto. Andre Luis Vasconcellos de Mello: Investigação, redação – rascunho original, revisão e edição. Ezequiel Nogueira Braga: Investigação, redação – rascunho original. Marcia Zaia: Investigação, redação – rascunho original. Maria Teresa Nappi Moreno: Investigação, redação – rascunho original.

**Disponibilidade de dados:** Os dados que sustentam a análise deste manuscrito são provenientes de fontes bibliográficas citadas ao longo do texto e encontram-se integralmente referenciados na seção de Referências. Não foram gerados ou analisados dados brutos adicionais durante o presente estudo.

**Financiamento:** Nenhum financiamento a declarar.

**Conflito de interesses:** Nenhum conflito de interesses a declarar.

**Editora do artigo:** Vera Lúcia Viveiros Sá 

## Referências

- Cambray, Joseph (2023). *The Psychoid Imagination*. Jung Society of Washington. Disponível em: <https://jung.org/news/blog/15/15-The-Psychoid-Imagination-by-Joseph-Cambray>. Acesso em: 21 set. 2025.
- Freud, S. (1976). A interpretação dos sonhos. In Freud, S. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, v. IV, V. Rio de Janeiro: Imago. (Original publicado em 1901).
- Jung, C. G. (1979). Preface to Collected Papers. In Jung, C. G. *Freud and Psychoanalysis*. CW 4. Princeton: Princeton University Press. § 670-692. (Original publicado em 1916).
- Jung, C. G. (1980). Symbols and interpretations of dreams. In *The symbolic life*. CW 18. Princeton: Princeton University Press. § 416-494. (Original publicado em 1961).
- Jung, C. G. (2002). Chegando ao inconsciente. In Jung, C. G. (org.). *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira. Cap. I, p. 16-99. (Original publicado em 1964).
- Jung, C. G. (2008). *Fundamentos da Psicologia Analítica*. v. 16. (Obra Completa de C. G. Jung). Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1968).
- Jung, C. G. (2013). *A natureza da psique*. v. 8/2. (Obra Completa de C. G. Jung). Petrópolis, RJ: Vozes (Original publicado em 1928).
- Jung, C. G. (2014). *Seminários sobre análise de sonhos: Notas do seminário dado em 1928-1930 por C.G. Jung*. Petrópolis, RJ: Vozes. (Original publicado em 1960).
- Stein, M. (2006). *Jung, o mapa da alma: uma introdução*. Tradução Álvaro Cabral. 5a. ed. São Paulo: Cultrix. (Original publicado em 1968).
- Stevens, A. (2001). *Jung: A very short introduction*. Oxford: Oxford University Press.
- Von Franz, M. L. (2008). *C. G. Jung. Seu mito em nossa época*. 1a. ed. São Paulo: Cultrix.